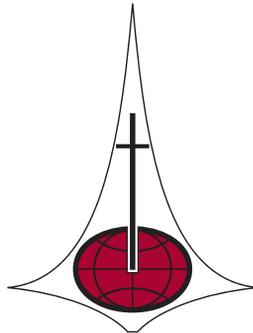




**Romeu Ruben Martini**  
**(Org.)**

# **BATISMO E EDUCAÇÃO CRISTÃ**

**Por uma vivência diária da fé**



**Igreja Evangélica de Confissão  
Luterana no Brasil**

**2006**



© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2006  
Rua Senhor dos Passos, 202 – 4º andar  
Caixa Postal 2876  
90001-970 Porto Alegre (RS)  
Fone: (51) 3221.3433 – Fax: (51) 3225.7244  
secretariageral@ieclb.org.br  
www.ieclb.org.br

Publicado por

Editora Sinodal  
Caixa Postal 11  
93001-970 São Leopoldo (RS)  
Fone/Fax: (51) 3590.2366  
editora@editorasinodal.com.br  
www.editorasinodal.com.br

Publicação organizada por: Romeu Ruben Martini

Tradução e revisão: Luiz Marcos Sander

Esta publicação tem o apoio da Igreja Evangélica da Baviera (Alemanha) e da Federação Luterana Mundial (FLM)

Produção editorial: Editora Sinodal  
Produção gráfica: Editora Sinodal

B333 Batismo e educação cristã: por uma vivência diária da fé / [Organizado por]  
Romeu Ruben Martini. – São Leopoldo : Sinodal, 2006.

15x21 cm. ; 36p.  
ISBN 85-233-0828-8

1. Sacramentos – Batismo. 2. Igreja Luterana. I. Martini, Romeu Ruben.

CDU 265.1:284.1

Catálogo na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273



# Sumário

Apresentação / **5**

Seminário Nacional  
de Educação Cristã Contínua  
Texto Introdutório / **9**

Educação cristã contínua:  
sua fundamentação a partir do Batismo / **19**

Entre heranças e desafios no campo da  
educação contínua: crianças, jovens e adultos / **29**



## Apresentação

**R**etomar, revisar, atualizar, reunir, enfocar, projetar, confiar. A dinâmica expressa por esses verbos faz parte da nossa vida. Essa dinâmica nos acompanha e nos move dia-a-dia. Seríamos infelizes se parássemos no tempo, se tudo tivesse que ser como sempre foi. Felizmente, não precisamos nos conformar. Ao invés de deixarmos as coisas como sempre foram, caminhamos na perspectiva da transformação.

O Batismo expressa a ação de Deus que transforma nossa vida pessoal e comunitária. Ele não só marca o início da vida cristã, mas é a partir dele que toda a vida comunitária se constituiu. Na vivência diária do Batismo, podemos experimentar “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.2).

A partir dessa dinâmica da vida, voltou à tona na IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – a convicção de que o tema *educação cristã* deveria ser retomado e receber mais atenção das comunidades, dos sínodos e de toda a Igreja. Para compreender as razões dessa convicção, cabe recorrer à figura do broto.

O tema educação cristã não é novo. A educação cristã já criou raízes nesta Igreja. E elas são profundas. Porém, diversos motivos fazem com que essa árvore crie musgo; seja podada; talvez, podada demais e em tempo inoportuno. Ainda assim, ela nunca morre. Ela brota com novo vigor. E o desafio consiste em fazer com que esse broto vingue, se desenvolva e floresça, produzindo novos frutos.

Um sinal desse broto foi percebido no Fórum Nacional do Ensino Confirmatório, em 2003. Ali se reforçou a necessidade de rever e atualizar os métodos de educação cristã na IECLB, evitando sua concentração no período do ensino confirmatório, distribuindo seu conteúdo para antes e para depois desse período. Também é urgente entender a relação fundamental entre Batismo e educação cristã. Como Igreja que batiza preferencialmente crianças, é imprescindível compreender que a educação cristã da pessoa batizada precisa acontecer ao longo de toda a vida.

No Batismo, a comunidade assume o compromisso com a educação na fé da pessoa batizada. O ensino é um dos pilares da Igreja. Não existe Igreja sem o ensino. A educação cristã fundamenta-se no Batismo e tem por conteúdo o Evangelho de



Jesus Cristo, na perspectiva do reino de Deus. Nas últimas décadas, a educação cristã vem perdendo o foco conteudista de noções doutrinárias, passando a priorizar as experiências e as interações entre as pessoas e grupos de pessoas. Nesse sentido, a relação pedagógica com os textos deixa de ser uma transmissão de conteúdos da fé e passa a valorizar a construção do conhecimento, a vivência e o testemunho concreto da fé.

O desafio da educação cristã não se limita a uma área de atuação apenas, mas ao conjunto das ações pedagógica, litúrgica, pastoral, diaconal e missionária da Igreja. Nesse sentido, é necessário aprofundar o que significa ser uma pessoa cristã de confissão luterana a partir do princípio do sacerdócio geral de todos os crentes (1 Pedro 2.9). A educação cristã acontece onde há compromisso cristão. Trata-se do testemunho público da fé, que está subentendido no uso que Lutero faz do termo *Berufung* (profissão).

Envolvidos diretamente nessas reflexões e nessa percepção, os Departamentos de Catequese, para Assuntos da Juventude e de Diaconia também avaliaram sua caminhada, dentro do contexto de reestruturação da Secretaria Geral.

Chegou outubro de 2005. Nesse mês, na cidade de Curitiba - PR, teve lugar o Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua. Ali reuniram-se representantes dos sínodos – as equipes sinodais de educação cristã –, as equipes dos Departamentos da IECLB, representantes dos centros de formação teológica, assessores, assessoras, além de uma equipe de educação cristã da IERP – Igreja Evangélica do Rio da Prata.

Nesse evento, foi possível partilhar o que já temos em termos de educação cristã na IECLB: como ela acontece, os materiais que existem e são utilizados, a quantidade expressiva de pessoas que se doam para atuar nessa causa. Também ficou visível o que não temos nessa área, o que precisa ser mudado e fortalecido. Tudo isso veio à tona através da exposição de recursos, dos diálogos em grupo, da ampla troca de experiências entre as pessoas que fazem a educação cristã na IECLB e que estiveram presentes nesse I Seminário Nacional.

Um dos resultados desse evento é a publicação dos três textos a seguir. O *Texto introdutório*, levado como esboço ao seminário, foi analisado e complementado pelas pessoas que lá participaram. Acabou sendo fruto do seminário. É o texto assumido pelo grupo todo.

O segundo texto é a palestra do Dr. Pedro Kalmbach, pastor da IERP. Ele trouxe aspectos da educação cristã nas comunidades cristãs dos primeiros quatro sé-



culos. Sua reflexão procurou mostrar a relação íntima que houve – nos primórdios do cristianismo – entre Batismo e educação.

O terceiro texto apresenta a exposição feita e o diálogo estimulado pela Dra. Edla Eggert, docente da UNISINOS. Ela insistiu na necessidade de que a educação cristã dê um passo qualitativo, passando de uma visão pedagógica que enfatiza a transmissão de conhecimentos para outra, que promova a construção coletiva através do diálogo, da convivência, da participação de todas as pessoas.

A publicação deste caderno visa a subsidiar a implementação do projeto de educação cristã na IECLB. Quer servir de nutriente para dar vigor ao broto que irrompeu de novo. Confiamos que o próprio Deus continuará abençoando a edificação desse projeto. Temos consciência dos passos bem pensados e bem planejados que precisamos dar para que a IECLB chegue a ter esse projeto. Daí a importância de outros seminários nacionais; a urgência do fortalecimento das equipes sinodais de educação cristã; o planejamento conjunto e minucioso; a participação e o apoio dos Conselhos Sinodais e do Conselho da Igreja nessa caminhada.

Participantes do I Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua partiram com o firme propósito de promover a reflexão acerca da educação cristã à luz do Batismo nos sínodos e a constituir e fortalecer as equipes sinodais responsáveis por essa área tão importante para a Igreja. Ao mesmo tempo, sabiam que esse seminário fora o primeiro de uma série de três. Ou seja, a retomada da reflexão sobre educação cristã na IECLB – a irrupção desse broto – ocorre na perspectiva da definição de um projeto de educação cristã para a IECLB. E esse projeto é para ser fruto da participação plena dos sínodos, bem como de todos os setores da Igreja que atuam nessa área, sendo a coordenação geral uma tarefa da Secretaria de Formação. A imagem da capa deste caderno, produzida num momento de celebração de uma confirmação, procura traduzir a intenção de um mutirão. O círculo de pessoas em volta do globo terrestre expressa o compromisso da comunidade com todo o ensino da Igreja. A educação cristã não se reduz a uma atividade, momento ou área de atuação, mas é um compromisso permanente com a vivência cristã ao longo da vida.

Os seminários nacionais, as reuniões do grupo coordenador de educação cristã e a presente publicação contam com o apoio da Igreja Evangélica da Baviera, a quem externamos a gratidão em nome da IECLB. O custo parcial desta publicação



também conta com recursos da Federação Luterana Mundial, a quem igualmente agradecemos em nome da IECLB.

Na expectativa de que este caderno aprofunde e estimule a reflexão sobre educação cristã, confiamos que o Espírito Santo orientará e fortalecerá os passos que queremos dar em conjunto nesse caminho. Somos muitos nesta Igreja. Também somos diferentes. E caminhamos na companhia de irmãs e irmãos da *ecumene*. Mas, em Cristo, somos um. Essa unidade o projeto de educação cristã quer fortalecer.

P. Dr. Romeu Ruben Martini  
Secretário de Formação





# Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua

21 a 23 de outubro de 2005, Curitiba (PR)

## Texto introdutório\*

### Introdução

Uma das tarefas imprescindíveis da Igreja, a partir do Evangelho de Jesus Cristo, é a educação cristã contínua dos seus membros. Essa tarefa não está dada como lei, mas como consequência da teologia do Batismo (Mt 28.18-20). Batismo e educação cristã andam juntos, acompanhando a pessoa cristã por toda a sua vida. Ou seja, a educação cristã começa no Batismo e tem continuidade ao longo da vida.

No caso da IECLB, o compromisso com a educação tem sido uma das suas prioridades históricas. O Seminário Nacional pretendeu retomar temas e perguntas que não são novos no campo da educação cristã, mas requerem uma reflexão a partir das exigências e necessidades atuais. Seguem alguns exemplos:

- em meio à diversidade cristã e religiosa existente, somos *de confissão luterana*. Educação cristã implica clareza confessional;
- a educação evangélico-luterana prepara para a vivência comunitária, além do testemunho pessoal de fé;
- o testemunho de fé autêntico se irradia na sociedade. No caso da IECLB, isso está acontecendo? Como?
- é preciso capacitar a família para testemunhar a fé cristã e para participar da educação cristã. Qual é a nossa compreensão de família, e como educá-la?
- o testemunho da fé acontece ao longo da vida, todos os dias;
- como acontece a educação das pessoas em nossa Igreja?
- o Batismo é um tema controvertido. É ponto nevrálgico em muitas comunidades. O que é o Batismo? E qual é o vínculo entre Batismo e educação cristã?
- todo projeto de educação tem uma base teórica e pedagógica. Qual é a base teológica e pedagógica do nosso projeto de educação cristã contínua (ECC)?

---

\* Versão revista e ampliada a partir das contribuições do Seminário Nacional.



- o projeto de ECC exige continuidade e contribui para a unidade da nossa Igreja;

- é preciso definir e distinguir as atribuições das diversas instâncias da Igreja envolvidas no projeto de ECC (comunidades, sínodos, departamentos).

## 1. Surgimento do projeto e propósito do seminário

O Fórum Nacional do Ensino Confirmatório, realizado em 2003, retomou uma discussão da década de setenta, quando já se anunciava: a prática de educação cristã em nossa igreja está restrita a uma faixa etária específica. Conforme a apresentação do pastor presidente, Dr. Walter Altmann, na publicação do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório, “as preocupações com a prática do ensino confirmatório e a compreensão da confirmação exigem que se repense a concepção e prática de Educação Cristã da Igreja” (2005, p. 5).

A partir do referido fórum, chegou-se à formulação de uma proposta de *educação cristã contínua para todas as fases da vida, à luz do Batismo*. Com o objetivo de aperfeiçoar essa proposta, transformando-a num Projeto de Educação Cristã Contínua, a Secretaria Geral, através da Secretaria de Formação, em sintonia com o Conselho da Igreja, manteve diálogos e realizou avaliações com departamentos e comissões ao longo de 2004 e 2005.

Avaliando-se o volume de iniciativas que existem em termos de educação cristã na IECLB – como aquelas desenvolvidas pelos departamentos –, concluiu-se que é preciso racionalizar tarefas e recursos e fazer um planejamento mais abrangente na Igreja. Nesse sentido, a Secretaria Geral está num processo de reestruturação, que implica uma articulação maior entre os Departamentos.

A proposta de *educação cristã contínua* foi aprovada pelo Conselho da Igreja, depois de ter sido submetida à análise da pastora e dos pastores sinodais. Para aprofundar essa proposta e fazer dela um projeto de ação da Igreja, foi constituído o *Grupo Coordenador de Educação Cristã Contínua*, que, nessa nova fase das discussões, se reuniu em Porto Alegre no dia 17/06/2005<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Compõem o grupo a equipe do Departamento de Educação Cristã, representante do Movimento Encontrão, da Pastoral Popular Luterana, da Rede Sinodal de Ensino e lideranças envolvidas com a educação cristã, nomeadas pelo Conselho da Igreja.



Um dos encaminhamentos do referido grupo foi a promoção de um Seminário Nacional de ECC, realizado de 21 a 23 de outubro, em Curitiba (PR). O seminário teve como objetivos: 1) reunir representantes de equipes, conselhos, coordenações, setores responsáveis pela educação cristã nos sínodos, juntamente com os departamentos; 2) ter uma visão geral do que acontece nos sínodos e investir em uma base teológica e pedagógica comum para esse projeto de ECC. No seminário, foi possível conhecer um número expressivo de grupos e iniciativas – muitas vezes paralelas e desconectadas entre si.

Para que haja unidade nesse projeto, entende-se que é necessário envolver as diferentes linhas teológicas existentes na IECLB, além dos três centros de formação. A base teológica e pedagógica da educação cristã na IECLB precisa perpassar todas as instâncias. A partir dessa unidade, será possível planejar diretrizes e ações básicas para a educação cristã, objetivando alcançar as distintas faixas etárias (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos) e os distintos grupos com interesses ou necessidades afins (crianças em situação de risco, mulheres, PPDs, famílias em determinado contexto, grupos com vínculos étnicos, sociais, econômicos ou culturais próprios).

## **2. Histórico da formação e educação cristã contínua na IECLB**

Na IECLB, o tema *educação cristã contínua à luz do batismo* tem precedentes na proposta do *Catecumenato Permanente*, aprovado no IX Concílio Geral, realizado de 17 a 20 de outubro de 1974, em Cachoeira do Sul (RS). Nessa época, expressou-se a insatisfação com a prática do ensino confirmatório e com os materiais em uso para esse fim. Como reação a essa problemática, afirmou-se que a formação na fé não pode se resumir ao período que compreende o ensino confirmatório até o culto de confirmação. A tarefa de acompanhar e orientar pessoas no desenvolvimento de sua fé não pode ficar restrita a um período determinado, como se fosse possível *fazer formatura* em termos de fé. Nem pode ser algo estático, mas tem de ser *uma tarefa contínua e em constante renovação*. Somos eternos aprendizes na fé. A articulação da educação na fé, entendida como um *processo contínuo de ensino e aprendizagem*, deu origem à expressão *Catecumenato Permanente*.

Procurou-se colocar em prática o projeto *Catecumenato Permanente* com a nomeação de uma comissão, que, em 1975, elaborou o documento *Discipulado Permanente – Catecumenato Permanente* (BURGER, 1977, p. 87-106). Em março de



1976, o Conselho Diretor promoveu, em Panambi (RS), uma *semana de reflexão* para apreciar o conteúdo desse documento. A proposta original sofreu algumas críticas, principalmente no que se refere ao uso do termo *catecumenato*, considerado desconhecido pelas comunidades.

Parte dessas reflexões foi apresentada no Simpósio sobre o Catecumenato Permanente, realizado na Escola Superior de Teologia, em 1994, em comemoração aos 20 anos de aprovação do documento (VOLKMANN, 1994, p. 205-218). O simpósio procurou reler o documento e o contexto que motivou o seu surgimento. Refletindo sobre o simpósio, Manfredo C. Wachs destaca: “O catecumenato não é uma opção da Igreja, mas uma necessidade. Não existe Igreja que não ensine” (1998, p. 60). Apesar da preponderância dessa afirmação, Manfredo avalia que “ao não se enfrentar a ‘descaracterização do Batismo e sua conseqüente escravização à confirmação’ o documento perpetua um remendo”.

A reflexão sobre a proposta do *Catecumenato Permanente* evidencia os pontos fundamentais que precisam ser tocados, caso o interesse seja retomar o que se quis com essa iniciativa em 1974. São eles: (a) o significado do Batismo<sup>2</sup> precisa ser redescoberto e afirmado com clareza, bem como seu vínculo umbilical com a educação cristã; (b) a educação cristã é uma tarefa contínua posta para a Igreja; (c) o projeto de ECC necessita de um planejamento de ações educativas para toda a Igreja; (d) o estudo do significado do Batismo e o delineamento de ações educativas precisam envolver as equipes sinodais responsáveis pela educação cristã e, através delas, resultar em programas junto às comunidades<sup>3</sup>; (e) é preciso motivar pessoas para experimentar esse processo e para participar dessa construção.

### 3. Motivações do mundo luterano

O tema *educação cristã contínua* na IECLB também é fruto de reflexões ocorridas no mundo luterano, em data anterior e posterior ao surgimento do *Catecumenato Permanente*. O relatório da *Comissão para questões da educação*, da 4ª Assembléia da

---

<sup>2</sup> Atualmente, na IECLB, há uma ampla reflexão sobre a compreensão luterana do Batismo. Muitas são as dúvidas presentes nessa discussão. Por exemplo: O que é o Espírito Santo? O que é estar cheio do Espírito Santo? O que significa receber (ou não) o Espírito Santo no Batismo?

<sup>3</sup> Essas equipes (com o apoio dos departamentos da Igreja e de outras assessorias) terão como tarefa principal o preparo de líderes que estarão à frente de um programa de educação cristã.



Federação Luterana Mundial (FLM), em 1963, na Finlândia, opôs-se à prática da confirmação como “Conclusão do Catecumenato”. Conforme o documento, a confirmação é, antes, um marco no caminho do objetivo, e não o próprio objetivo. Abrange uma das etapas da educação na fé em uma determinada fase da vida, que está entre o catecumenato com crianças e o catecumenato com jovens (Kommission für Erziehungsfragen, p. 91).

A partir de 1990, a FLM desenvolveu um projeto de pesquisa sobre o ministério educacional nas igrejas luteranas em todo o mundo. A pesquisa confirmou o que se sabia: que a educação cristã, nas igrejas luteranas, está concentrada na faixa etária da adolescência. Em 1994, a Conferência de Oslo, inspirada nas reflexões sobre Catecumenato Permanente ocorridas no Brasil, definiu a expressão *Lifelong Journey of Faith* (*Jornada da fé ao longo da vida*). Com esta definição, a FLM reafirmou que a educação na fé requer um processo contínuo de ensino e aprendizagem que precisa passar todas as fases do ciclo da vida: infância, adolescência, juventude, vida adulta e terceira idade.

#### 4. Ministério Compartilhado

A proposta de educação cristã contínua tem como um dos seus principais apoios a concepção do Ministério Compartilhado (MC) da Igreja. O que vem a ser o MC?

As igrejas de confissão luterana entendem que, através do Batismo, todas as pessoas são declaradas sacerdotisas ou ministras de Deus e chamadas a se colocar a serviço do Senhor. Isto é um dos alicerces da doutrina luterana. É o que a Reforma Luterana (século XVI) quis expressar quando falou em *sacerdócio geral de todos os crentes*, com base em 1 Pedro 2.9<sup>4</sup>.

O Ministério Compartilhado na IECLB é fruto de uma caminhada que teve por objetivo concretizar esse princípio da Reforma. Segundo esse princípio, todas as pessoas batizadas e que constituem a Igreja (local e nacional) servem a Deus, independentemente das tarefas, dos cargos, da sua formação. Enquanto norma da Igreja, o Ministério Compartilhado é instrumento da missão de Deus para viabilizar uma Igreja participativa e diaconal. O MC propõe o envolvimento do maior número possível de

---

<sup>4</sup> *Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*

pessoas no exercício do Ministério Eclesiástico (que é o ministério ou a atribuição de toda a Igreja). E o Ministério Eclesiástico pode se desdobrar em muitos ministérios.

Com base nessa compreensão do Ministério Eclesiástico, faz-se uma primeira distinção dentro do Ministério Compartilhado. Na IECLB, dentre os seus membros, há pessoas que são indicadas pelas comunidades e preparadas pela Igreja para assumirem tarefas específicas. Essas pessoas integram o Ministério com Ordenação. Portanto, o MC é composto por pessoas ordenadas (que são a minoria na Igreja) e pelas pessoas não ordenadas. A segunda distinção a ser feita é que, no Ministério com Ordenação, há funções distintas, com atribuições específicas. Trata-se de pastores/as, catequistas, diáconos/as e missionários/as.

O projeto de educação cristã contínua depende, em grande parte, do MC, isto é, da integração dos diferentes ministérios, sejam eles do Ministério com Ordenação ou do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes. A educação cristã contínua valoriza os dons e a atuação de cada pessoa, seja de forma voluntária ou não, e depende do engajamento de todos os ministérios exercidos nas comunidades, paróquias e demais contextos. Neste sentido, há que se reconhecer que a IECLB tem diante de si a necessidade urgente de superar o modelo centralizador dos ministérios específicos, principalmente, o exercido pelo Ministério Pastoral.

## 5. Novo horizonte

As questões acima servem de auxílio para a compreensão do contexto em que ressurge, no âmbito da IECLB, a proposta de um projeto de *educação cristã contínua para toda a vida, à luz do Batismo*.

Ao analisar a atual prática da educação cristã na IECLB, percebe-se que prepondera o Batismo de crianças recém-nascidas. Elas são batizadas após um diálogo pré-batismal, que reúne obreiro ou obreira, pai, mãe, padrinhos e madrinhas. Depois do Batismo, poucas crianças participam do culto infantil. Quando pré-adolescentes (com 11 a 13 anos), retornam para o ensino confirmatório. Seus pais, porém, em sua maioria, estão distantes da vida comunitária. Por isso mesmo, boa parte desses adolescentes frequenta o ensino confirmatório por constrangimento. E a confirmação é vista como formatura na vivência cristã. Depois de confirmados, esses jovens, em sua maioria, procuram uma comunidade quando precisam de um “serviço religioso” específi-



co. E a comunidade, em termos gerais, ainda não encontrou alternativas para transformar essa realidade.

O projeto da ECC apresenta-se como uma alternativa a essa situação. O fundamento teológico do projeto é o Batismo, e o mesmo está assim definido:

1) O Batismo afiança (indicativo) que Deus me e nos ama, que Deus enviou seu Filho para minha e nossa redenção e salvação. Essa ação de Deus contém o chamamento (imperativo) para que eu e nós o sirvamos no contexto em que vivemos. Esta afirmação é o cerne do conteúdo da educação cristã.

2) Batismo e educação cristã estão intimamente relacionados (Mt 28.19-20). Ao assumir a tarefa de batizar, cada comunidade e a Igreja toda assumem a responsabilidade pela educação cristã, que possibilitará às pessoas viverem a partir de e em função do seu Batismo.

Portanto, uma Igreja que batiza, seja adultos ou crianças, zela pela educação cristã *contínua* de quem é batizado. E essa educação não está concentrada em alguma faixa etária, não tem limite de idade e não culmina com formatura, ainda que haja a necessidade de respeitar as fases da vida com suas exigências pedagógicas diferentes, bem como os contextos distintos nos quais os indivíduos e grupos vivem.

Em termos pedagógicos, reconhece-se que o ensino cristão predominante na Igreja segue métodos que primam pela transmissão de conteúdos. Prevaecem os discursos sobre Deus, sua vontade e o que ele espera do seu povo. Esta é uma educação que pouco envolve as pessoas no processo educativo. Então, como fazer para que as pessoas batizadas vivam a partir do significado do Batismo, a partir do que é dado de graça por Deus? Como fazer para que cada pessoa e a comunidade toda sejam motivadas a dar testemunho da sua fé a partir do Batismo?

Até a época do imperador Constantino (início do século IV), as pessoas aderiam ao cristianismo não por causa dos discursos sobre Deus ou de explicações doutrinárias racionais, mas por causa do testemunho de fé da comunidade cristã, que era visto como exemplar e que comovia e movia as pessoas a serem cristãs (E. Hoornaert). Hoje, há necessidade de criar um projeto de educação cristã com uma pedagogia tal que as pessoas tenham a possibilidade de vivenciar a presença de Deus no contexto da sua vida comunitária; de sentir e experimentar o conteúdo dos Dez Mandamentos, por exemplo, a partir das suas necessidades e da realidade dos grupos em que participam. Dito de outro modo, há necessidade de uma aprendizagem ancorada na vivência dos



conteúdos da educação cristã, recorrendo à poesia, à arte, que favorece e promove a aprendizagem de conteúdos.

A partir de tudo que foi visto, perguntamos: Que condições oferecemos para que a criança batizada hoje em nossa comunidade se torne participante livre e ativa na igreja de Jesus Cristo? Que mudanças se fazem necessárias? Como podemos realizá-las? Quais são os prazos que precisamos estabelecer para alcançar nossos objetivos? Os seminários nacionais de educação cristã contínua não podem dar todas as respostas. Mas são momentos importantes de encontro, de reflexão, de sonhar juntos, traçar ações e assumir compromissos. Um dos tijolos fundamentais na casa que estamos construindo são as Equipes Sinodais de ECC. Cada pessoa envolvida nesse processo, cada representante e/ou equipe sinodal é imprescindível para a continuidade dessa caminhada.

*Curitiba, 23 de outubro de 2005.*

### **Participantes do I Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua:**

Alberto Gallert, Asta Züge, Clair F. Teske, Cláudio G. Becker, Claudio Schvindt, Cleci T. Koch, Delci Knebelkamp Arnold, Edela Herbes, Edla Brinckmann, Edla Eggert, Edson Ponick, Emilio Voigt, Fernanda Appelt, Gerhard Rudolf Kleine, Helga Maria Brandt, Ionara M. G. Konzen, Isa Heisler Belloto, Ivone Sträher, Karin Hilde Dieter, Kurt Rieck, Laura Krenz, Lauri Becker, Leonardo Schindler, Leonídio Gaede, Maria Dirlane Witt, Mariane Noely Bail da Cruz, Nádia Dal Castel de Oliveira, Nilo O. Christmann, Nilton Bruno Leonhardt, Odair Airton Braun, Pedro Kalmbach, Pedro Puentes, Raul Wagner, Regene Lamb, Rejane Hagemann, Renato Küntzer, Rolf Goldacker, Romério Schrammel, Romeu Martini, Roseli Blanck, Rosilene Schultz, Sigmar Althaus, Silvia Márcia Mobs Lahr, Sueli I. A. Kreutzfeld, Valquíria E. dos Santos, Valdemar Schultz, Vera Walber.



## Referências bibliográficas

- ALTMANN, Walter. Apresentação. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação*: memória do fórum nacional de ensino confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- BURGER, Germano (Ed.). *Quem assume esta tarefa?:* um documentário de uma igreja em busca de sua identidade. São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo, Brasília: Cortez, MEC/Unesco, 1999.
- HOORNAERT, Eduardo. As comunidades cristãs dos primeiros séculos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanez (Orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81-95.
- KALMBACH, Pedro. Batismo e confirmação nos primeiros cinco séculos da Igreja Cristã – aproximações. *Estudos Teológicos*, v. 42, n. 3, p. 17-28, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Bautismo y educación: la praxis bautismal en los primeros cinco siglos y sus contribuciones para el actuar pedagógico de comunidades cristianas en la actualidad*. Tese (Doutorado). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, 2004.
- KOMMISSION für Erziehungsfragen. Bericht 1957-1963. *Vierte Vollversammlung des Luhterischen Weltbundes*. 30 Juli – 11 August, 1963. Helsinki/Finnland. Dokument Nr. 16.
- VOLKMANN, Martin. Catecumenato Permanente – Um desafio que permanece. *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 3, p. 205-218, 1994.
- WACHS, Manfredo C. *O ministério da confirmação*. Contribuição para um método. São Leopoldo: Sinodal, 1998.



# **Educação Cristã Contínua: sua fundamentação a partir do Batismo**

*P. Pedro Kalmbach*

## **Fundamentos bíblico-teológicos**

Segundo o Novo Testamento, o batismo era, desde o começo do cristianismo, condição para se tornar membro da igreja. As diferentes passagens que tratam do batismo mostram que os significados atribuídos a ele eram vários. Entre eles, destacam-se os seguintes:

a) O perdão dos pecados. Segundo Atos dos Apóstolos, em Pentecostes Pedro convida ao arrependimento e ao batismo para o perdão dos pecados (Atos 2.38).

b) A união com Jesus Cristo (Colossenses 2.12,20; Romanos 6.3-5). O batismo dá a cada pessoa batizada participação na vida e na morte de Jesus Cristo e a possibilidade da ressurreição por meio dele (Colossenses 3.1). É essa união com Jesus Cristo que fundamenta o sacerdócio universal de todos os crentes.

c) O recebimento do Espírito Santo (Atos 2.38; 19.1-7; Mateus 3.16). Para o cristianismo primitivo, existe uma unidade entre a lavagem batismal e a doação do Espírito Santo. Entretanto, a doação do Espírito não depende do batismo; ela pode vir antes (Atos 10.44ss.) ou depois dele. O recebimento do Espírito por parte do batizando significa que a salvação esperada começa a ser uma realidade presente em sua vida. A doação do Espírito Santo também tem a ver com os dons e carismas de cada pessoa para dar testemunho do amor de Deus.

d) A incorporação à igreja, que é o corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13). O batismo une a Cristo e, como tal, leva a pessoa batizada a pertencer a ele (1 Coríntios 3.22s.). Através do batismo, os cristãos são levados à união entre si e com a igreja de todos os tempos. Em Cristo, são anuladas as diferenças entre as pessoas, que, sendo descendentes de Abraão, tornam-se herdeiras da mesma promessa (Gálatas 3.27-29).



e) O renascimento. O batismo regenera, renova (Tito 3.5), marca o início de uma vida nova (João 3.5). Nessas imagens está implícito o fato de que a pessoa deixou para trás o velho Adão e se tornou nova criatura.

Essa variedade de interpretações indica que o batismo marca o início da vida cristã e que seu fundamento se encontra no fato salvífico de Deus através de Jesus Cristo. Ou seja, é só o “sim” de Deus que faz do batismo o que ele é e o valida. O batismo expressa a autodoação de Deus, seu amor pelo ser humano, amor que na tradição luterana é incondicional. Dessa maneira, o batismo expressa a cada pessoa que a redenção oferecida por Cristo também é válida para ela. Como tal, o batismo tem a ver com o crescimento de toda uma vida em comunhão com Cristo, e não somente com uma experiência momentânea. Isso porque o batismo não é um ponto de chegada, uma meta, e sim um ponto de partida no qual se assinala o início de uma vivência cristã, de uma apropriação e construção diária e contínua do que significa a promessa de Deus.

A pergunta que surge a partir dessa compreensão do batismo é: como se pode tornar possível a apropriação do batismo? Ou seja, em que medida a comunidade cristã possibilita que o batismo “tome corpo” e possa “fazer-se carne” na vida das pessoas?

Nos primeiros séculos da igreja cristã já existia essa preocupação. É por isso que, nessa época, a educação cristã se desenvolveu em íntima relação com o batismo. Para entender esse processo, é importante deter-se para “olhar” um pouco como se deu a relação entre o batismo e a educação nos primeiros cinco séculos da igreja cristã.

### **Batismo e educação na época pré-constantiniana<sup>1</sup>**

Na época anterior a Constantino (até aproximadamente o ano 306) – que foi o primeiro imperador romano que se converteu ao cristianismo –, uma vez ou outra os cristãos foram censurados, discriminados e até perseguidos pelo Império Romano. Ser cristão significava viver a partir de valores e de uma ética diferentes dos da sociedade circundante, e isso não estava isento de riscos. Preocupada com esse fato, a igreja foi desenvolvendo um tempo de preparação para as pessoas que desejavam ser batizadas e queriam se integrar à comunidade cristã. Na época de Justino de Roma (na

---

<sup>1</sup> Para este período, baseio-me especialmente na *Tradição apostólica* de Hipólito de Roma (do ano 215), que reflete uma prática usual em Roma a partir de fins do século 2.



primeira metade do século 2), a preparação consistia numa paulatina introdução à forma de vida dos cristãos, em instruções, jejum e orações.

A partir da *Tradição apostólica*, contamos com uma descrição detalhada da preparação batismal e do batismo da forma como vinham sendo praticados em Roma desde o ano 170. Essa preparação ao batismo, chamada catecumenato, dividia-se em duas etapas: o catecumenato propriamente dito e o tempo de preparação seguinte. Ambas as etapas consistiam basicamente do seguinte:

Para que uma pessoa entrasse no catecumenato, ela tinha de ser postulada e apresentada diante dos catequistas por alguém da comunidade que pudesse responder por ela, por um padrinho. Depois essa pessoa era submetida a uma série de perguntas e exames de consciência. Com isso, o catequista queria conhecer diferentes aspectos relacionados com a vida familiar dessa pessoa, a forma como ganhava seu sustento e as motivações que a levavam a postular o batismo. Caso exercesse algum ofício que a envolvesse em atividades imorais, bélicas ou idolátricas, ela tinha de abandoná-lo e mudar seu estilo de vida. Ou seja, a pessoa que quisesse ser admitida na igreja tinha de adotar a forma e um estilo de vida considerados cristãos. Uma vez aprovada, a pessoa postulante entrava no catecumenato e passava a ser um catecúmeno. Essa etapa podia ter uma duração de até três anos. Durante esse tempo, cada catecúmeno era acompanhado por seu padrinho e participava de diferentes atividades da comunidade. Entre elas, do cuidado de pessoas pobres e necessitadas, das celebrações regulares da comunidade (mas não da eucaristia), de reuniões de instrução, que se realizavam num marco litúrgico, e de orações. O conteúdo e a meta das instruções se referiam à aprendizagem e vivência da fé professada pela igreja. Dava-se especial importância a conteúdos éticos.

Quando o catecúmeno acreditava estar pronto para ser batizado, apresentava-se novamente com seu padrinho, poucas semanas antes do batismo (este era normalmente realizado na Páscoa), diante do catequista ou do bispo. Este queria saber se o catecúmeno tinha vivido com dignidade, honrado as viúvas, visitado os doentes, praticado boas obras e se tinha feito tudo o que entendia que Deus queria que ele fizesse (*Tradição apostólica*, 42, p. 50). Ou seja, não interessavam tanto os conhecimentos teóricos e doutrinários adquiridos pelo catecúmeno, e sim sua prática comunitária.

Depois, o catecúmeno entrava na etapa de preparação seguinte. Durante essa etapa, realizava-se uma preparação intensiva para a celebração do batismo. Ela con-



sistia de exorcismos diários<sup>2</sup>, de instruções sobre o evangelho, de imposições de mãos e de orações. Perto do dia do batismo, o próprio bispo realizava o exorcismo e marcava, normalmente com óleo, a testa, os ouvidos e o nariz dos catecúmenos com o sinal da cruz. Na sexta-feira santa e no sábado, eles jejuavam, acompanhados por pessoas da comunidade. Do sábado até o domingo de Páscoa, permaneciam em vigília, escutando leituras e instruções. Finalmente, ao primeiro cantar do galo, dirigiam-se ao lugar onde estava a piscina batismal.

A liturgia batismal se desenvolvia em três etapas: a) lavagem batismal, b) imposições de mãos e unção da fronte, c) celebração da eucaristia. A lavagem batismal era acompanhada por uma série de ações: oração sobre a água, despir-se, renúncia, unção com óleo, entrada na água, lavagem e confissão da fé, saída da água e unção com óleo de ação de graças. Em seguida, os batizados se vestiam e se dirigiam ao lugar onde estava reunida a comunidade. Ali, eram recebidos pelo bispo, que lhes impunha as mãos, untava sua testa com óleo de ação de graças e lhes dava o beijo da paz. Na seqüência, oravam com toda a comunidade reunida e se davam mutuamente o ósculo da paz. Finalmente, os recém-batizados participavam pela primeira vez da eucaristia. Além do pão e do vinho, recebiam leite e mel.

Observa-se, assim, que nessa época existia uma clara predominância da prática e vivência das virtudes cristãs como forma de preparação para a vida cristã, como fonte de conhecimento e como maneira de apropriar-se do significado do batismo e ir construindo o que isso significa para a vida cotidiana. Não importava tanto o conhecimento abstrato e instrutivo, e sim a vida de participação cristã na comunidade e no mundo. Isto, como já assinali, incluía o cuidado e a ajuda às pessoas pobres e necessitadas.

### **Batismo e educação na época pós-constantiniana<sup>3</sup>**

O governo do imperador Constantino estendeu-se de 306 a 337. A partir da chamada “era constantiniana”, o cristianismo passou a ser a religião oficial do Estado romano. Isto trouxe conseqüências importantes para a igreja. Entre elas, observam-se

<sup>2</sup> A prática de exorcismos batismais na Igreja Antiga se refere à purificação das pessoas em relação aos deuses e ídolos em que elas tinham crido anteriormente. Essa prática deve ser interpretada a partir da cosmovisão dualista da época, segundo a qual no cosmo existe uma luta constante entre o anjo das trevas e o príncipe da luz.

<sup>3</sup> Para este período, baseio-me especialmente em Ambrósio de Milão (m. em 397), em Cirilo de Jerusalém (m. em 386), em Crisóstomo de Antioquia (349-407) e na *Peregrinação de Etéria* (fins do século 4, inícios do século 5).



mudanças na prática batismal, que têm a ver com um significativo aumento do número de pessoas que queriam ser cristãs. Em muitos casos, esse desejo de ser cristão se devia mais a questões sociais (p. ex., por causa do casamento) e políticas (p. ex., para ficar bem diante do imperador) do que por motivos de fé. Diante disso, a igreja acentuou as exigências para as pessoas que queriam ser batizadas e as advertências à conversão e penitência. Por causa disso, muitas pessoas adiaram seu batismo até o leito de sua morte.

Essa situação fez com que o catecumenato deixasse de ser uma etapa de preparação como tinha sido durante o período pré-constantiniano. Todo o esforço pedagógico se concentrou na etapa de preparação seguinte (mais ou menos 50 dias antes da Páscoa), na própria celebração do batismo e na semana pós-pascal. O ato decisivo para a prática batismal não era mais a admissão ao catecumenato, mas o fato de inscrever-se para o batismo. Para isso, a pessoa tinha de se apresentar, cerca de 50 dias antes da Páscoa, acompanhada por um padrinho ou uma madrinha, diante do bispo ou do catequista. Este a interrogava para saber quais eram os motivos que a tinham levado a pedir o batismo e para tomar conhecimento de diferentes aspectos de sua vida. Com o início da Quaresma, começava a etapa seguinte de preparação. Durante ela, os candidatos participavam de uma série de exercícios (jejum, oração, penitência) e instruções catequéticas, sendo submetidos regularmente a exorcismos.

A celebração do batismo ocorria na noite do sábado para o domingo de Páscoa. Ela consistia, assim como no período anterior, de três etapas: a) lavagem batismal, b) imposição de mãos e unção da frente, c) celebração da eucaristia. O desenvolvimento da celebração era basicamente o mesmo como no período pré-constantiniano, podendo mudar de acordo com a época e o lugar. Observa-se um desenvolvimento intensivo e profundo dos gestos e ritos. É notória a ênfase marcante que se dava a determinadas ações e posturas corporais, como, por exemplo, nos exorcismos (os candidatos se ajoelhavam, estavam todos vestidos com o mesmo tipo de tecido, não se fazia distinção entre senhores e escravos, aristocratas e plebeus) e na renúncia e adesão (os candidatos renunciavam aos antigos vínculos olhando para o ocidente e aderiam a Cristo olhando para o oriente).

Chama a atenção, desse período, o fato de que determinadas informações relacionadas com a celebração do batismo (a lavagem, a imposição de mãos e/ou unção pós-lavagem e a eucaristia) só eram dadas depois do batismo, durante a semana da Páscoa. Isso era feito com as catequeses pós-batismais ou mistagógicas, das quais



participava a comunidade toda. Através delas, o bispo explicava o significado dos diferentes gestos, ritos e ações realizados durante a celebração batismal. Os motivos dessa prática eram, entre outros, pedagógicos e se fundamentavam na convicção de que determinadas aprendizagens se realizam melhor através da vivência do que de explicações teóricas e doutrinárias. Segundo Ambrósio de Milão, para as ações em que os batizados eram meros receptores, como o próprio batismo e a eucaristia, não se recomendava uma catequese prévia, pois isso iria deturpar sua compreensão (*Os sacramentos* 1,1 e *Os mistérios* 2). A esse respeito afirma Cirilo de Alexandria, ao dirigir-se aos recém-batizados na segunda-feira após o batismo: “Porque eu sabia muito bem que ver é melhor do que ouvir, esperei este momento. Por causa da experiência que fizeram à noite (o batismo), vocês estão mais receptivos para o que deve ser dito.” (*Catequese mistagógica* 1,1). A teologia que permeava essa forma vivencial de ensino e aprendizagem é aquela segundo a qual o único agente/protagonista do batismo é Deus.

Durante todo o processo, que ia desde o desejo de ser batizada até o batismo, a pessoa contava com o apoio, acompanhamento e orientação de um padrinho ou de uma madrinha. De igual modo, em diferentes ocasiões (catequese, jejuns) a comunidade acompanhava os/as futuros/as fiéis. Assim, a etapa de preparação seguinte, a própria celebração do batismo e as catequese pós-batismais, eram ocasiões em que as pessoas batizadas continuavam sua formação e relembavam o próprio batismo. No caso de batismos de bebês ou crianças (também na época pré-constantiniana<sup>4</sup>), os pais, os padrinhos e a comunidade tinham a responsabilidade pela formação cristã deles, e a comunidade oferecia espaços e ocasiões para que isso acontecesse. Em geral, tratava-se de batismos de crianças ou bebês cujos pais/mães e padrinhos/madrinhas tinham um compromisso reconhecido com a comunidade.

Até o século 4 inclusive, a estrutura básica do batismo consistia na lavagem batismal, na imposição de mãos e na unção da fronte com óleo por parte do bispo e na celebração da primeira comunhão. Ou seja, durante os primeiros séculos da era cristã, o batismo era para os cristãos a unidade destas três ações: a lavagem batismal, a imposição de mãos e a celebração da eucaristia. Na medida em que aumentaram as comunidades cristãs e na medida em que aumentaram os batismos, foi se rompendo a uni-

---

<sup>4</sup> Embora o batismo de bebês só seja mencionado explicitamente em meados do século 2, é muito provável que ele já existisse na época neotestamentária.



dade originária do batismo. Por causa das distâncias, a presença de um bispo em todos os batismos tornava-se impossível. Os batismos eram realizados pelos presbíteros, que tinham autorização para proceder à lavagem batismal e à celebração da eucaristia. A imposição de mãos e a unção da testa, também conhecida como *consignatio* ou *confirmatio*, ficaram reservadas para uma ocasião em que o bispo estivesse presente. Com elas, o bispo confirmava o batismo recebido. Assim, os batismos eram celebrados com a lavagem e a eucaristia e eram completados em outro momento com a celebração da *confirmatio*.

A partir do século 6, a maioria dos batismos passaram a ser batismos de bebês. Preocupada com o “pecado original” (dogma desenvolvido por Santo Agostinho, séculos 4-5), a igreja exortava os pais a providenciar para que seus filhos fossem batizados no transcurso da primeira semana de vida. Por volta do século 8, surgiu a preocupação com o fato de que muitas pessoas batizadas não tinham sido catequizadas. Desta maneira, estabeleceu-se uma catequese mínima como condição para obter a *confirmatio*, e, com isso, uma idade mínima.

No século 13, no 4º Concílio Lateranense (1215), se estabeleceu como requisito para a admissão a eucaristia dos chamados *anni discretionis* (a idade do discernimento). Considerava-se que nessa idade era possível alcançar a maturidade suficiente para professar a fé, que era necessária para a confissão de pecados e para fazer penitência. Desta maneira, se produziu na igreja ocidental uma nova ruptura na celebração batismal ao excluir-se as crianças da eucaristia.

Para Martim Lutero, assim como para Zwínglio e Calvino, o batismo é um só e completo. Ou seja, ele não necessita ser completado. Esses reformadores consideravam importante uma catequese no sentido de um catecumenato pós-batismal, já que a prática usual era o batismo de bebês. Desta maneira, estabeleceu-se um período catequético (*Konfirmandenunterricht*) para crianças de 10 a 13 anos de idade, cuja finalidade era instruí-las na fé cristã segundo a qual tinham sido batizadas. Esse período culminava com a celebração da confirmação, entendida como uma profissão de fé por parte do confirmando, e NÃO como a culminação do batismo (como é entendida atualmente na Igreja Católica Apostólica Romana, por exemplo).

## Conseqüências

Ao assumir a tarefa de batizar, a comunidade cristã (congregação) assume a responsabilidade pela formação cristã, ou seja, por uma educação que possibilite às pessoas viver a partir de seu batismo e em função dele (que permita a apropriação do batismo). A educação cristã que encontra seu sentido de ser no batismo se entende como o processo educacional que engloba a pessoa toda em suas dimensões cognitiva, ética e afetiva (intelectual, emocional, espiritual e comportamental). Ela se refere à preocupação pedagógica da igreja para que cada pessoa viva sua vida cristã como uma vida a partir de e em resposta à atuação de Deus em Jesus Cristo (à oferta da salvação).

A partir disso, é impossível reduzir a tarefa de apropriação do batismo a uma atividade a ser desenvolvida durante um período determinado (p. ex., nos cursos de confirmação), ou a uma instrução, ou ainda a uma aprendizagem racional de conceitos doutrinários e abstratos. Isso significa que a atuação pedagógica da comunidade cristã deve ser concebida de tal maneira que possibilite que as pessoas batizadas se apropriem continuamente (isto é, durante toda a vida) de seu batismo e possam ir construindo o que significa viver a partir da oferta de salvação e do chamado ao seguimento.

Uma proposta deste tipo não limita a educação cristã a uma certa idade ou a um determinado grupo, e tampouco a concebe como um processo que termina em algum momento da vida. A educação cristã, a partir desta perspectiva, é entendida como um processo permanente que acompanha as pessoas e as ajuda a reconhecer e assumir a amplitude e importância do batismo e a viver o cotidiano de acordo com ele (viver a partir do batismo significa, entre outras coisas, saber que a própria vida encontra sua justificação unicamente em Deus através de Cristo, que chama ao seguimento e serviço – diaconia)<sup>5</sup>. Ou seja, não se trata simplesmente de preparar pais/mães, padrinhos/madrinhas, candidatos/as. Trata-se de planejar e enfocar o trabalho congregacional, pastoral, educacional-catequético e diaconal a partir do batismo e em função dele, para que as pessoas possam ir construindo o que significa viver a partir do que o batismo expressa.

---

<sup>5</sup> De um ponto de vista batismal, a diaconia é essencial para a identidade cristã. Ou seja, toda pessoa cristã é essencialmente uma pessoa chamada à diaconia. Isso leva à preocupação, no âmbito diaconal, com a formação do “espírito diaconal” nas pessoas. A pergunta é: como conseguir que as pessoas tenham/adquiram/formem um espírito solidário/diaconal?

A partir disso surgem conseqüências claras para o trabalho educacional da comunidade. Por exemplo:

**a) A preocupação com a formação cristã, a partir de uma perspectiva batismal, deve ser a mesma para todas as idades.** Isso significa que nas congregações deveriam existir programas educacionais para todas as faixas etárias (crianças, adolescentes, jovens, adultos, terceira idade) e espaços educacionais intergeracionais. A partir daí surge a necessidade de que as congregações contem com os recursos humanos (catequistas, preferencialmente, com uma formação específica) e materiais necessários (espaço físico, por exemplo). Faz-se igualmente necessário conceber toda a tarefa educacional a partir de uma proposta pedagógica que trabalhe as dimensões espiritual, cognitiva, afetiva, pragmática/comportamental a partir de uma perspectiva libertadora (o batismo expressa a libertação dos vínculos antigos). Essa proposta deverá respeitar os saberes que as pessoas têm e trazem, deverá partir e trabalhar a partir das perguntas e urgências que as pessoas têm, deverá confrontar as pessoas com o diferente, deverá ser uma educação para a responsabilidade e a tomada de decisões, uma educação para o compromisso diaconal, uma educação que confronte as pessoas com o chamado ao seguimento.

Para isso, é necessário o seguinte:

- Criar espaços de formação que tenham caráter orgânico dentro da vida da comunidade, por exemplo: vários encontros pré-batismais com pais e padrinhos, vários encontros pré-nupciais, a participação dos pais no processo de formação catequética das crianças, adolescentes (isto é, a inclusão dos pais nos cursos e na catequese oferecidos a crianças e adolescentes) e outros possíveis.
- Fortalecer a atual tarefa catequética em geral. Para isso, é importante incentivar uma capacitação contínua e sistemática dos/das catequistas.
- Considerar que não se consegue a compreensão do significado do batismo simplesmente a partir da transmissão de conceitos teóricos e abstratos. Trata-se, antes, de trabalhar a partir da experiência das pessoas e de abordar a partir dela os temas relacionados com o batismo: o perdão, o amor, o pecado, a inclusão, a renovação etc. Assim, por exemplo, afirmar que o batismo expressa o amor incondicional de Deus por cada pessoa exige que se pergunte a respeito das causas que impedem que esse amor se torne concreto na relação entre os seres humanos. Compromete, igualmente,



a empenhar-se para criar ações e situações nas quais se busque reverter essa situação. A educação cristã, a partir de uma perspectiva batismal, é uma educação que permite e propõe construir o que significa viver a partir do que expressa o batismo.

- Disponibilizar ou destinar maiores recursos humanos e econômicos para a tarefa catequética e educativa em geral.

**b) O trabalho litúrgico da comunidade.** Por um lado, assinala-se a necessidade de revisar e trabalhar conscientemente a dimensão litúrgica das celebrações batismais (a liturgia batismal, o marco do culto no qual se celebra o batismo – se o batismo é um simples apêndice do culto ou se o centro do culto é o batismo e o que este expressa/significa). Por outro lado, chama-se a atenção para o fato de que a liturgia em si exerce uma função (entre outras) fortemente formativa. Assim, por exemplo, o tipo de imagem de Deus que as pessoas vão formando também tem a ver com a maneira como são feitas as orações (agradecimento, petição, intercessão etc.), com o canto, com a maneira como se celebra a presença de Deus no mundo, na comunidade etc.

A partir daí surgem as seguintes propostas:

Cultos batismais em datas específicas: isso permite reunir várias famílias em torno da preparação pré-batismal (cinco a seis encontros pré-batismais com pais, mães, padrinhos, madrinhas e, no caso de batizando/as jovens ou adultos/as, com os/as batizando/as).

Cultos de rememoração batismal: Considerando que o batismo não se reduz à celebração batismal, que ele diz respeito à vida toda e constitui aquilo que dá sustento e identifica o “ser cristão”, é importante que o batismo realizado numa pessoa possa ser lembrado uma vez ou outra ao longo de sua vida. Isto permitirá tornar presente o significado do batismo de maneira contínua, promovendo, assim, uma maior apropriação do mesmo. Neste sentido, poder-se-ia pensar o atual **culto de confirmação como uma celebração especial de rememoração batismal**, que inclua a profissão de fé daqueles/as que esteja preparados/as para fazê-la.

Conceber os diferentes encontros de catequese (com crianças, adolescentes, adultos, terceira idade) num marco celebrativo e litúrgico. A devoção faz parte da formação cristã, das diferentes atividades que se realizam na comunidade, bem como da vida cotidiana.



## **Entre Heranças e Desafios no Campo da Educação Contínua: Crianças, Jovens e Aultos**

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edla Eggert*  
UNISINOS

*A Igreja e a Escola como sinônimo de passagem, eis o estranhamento. A imagem nessa comparação exige imaginação. O espaço Igreja/Escola vivenciado de diversas maneiras, mas sempre possibilitando a idéia de passagem. Quantas vezes aprendemos a Igreja e a Escola como sendo um lugar fixo, ponto de chegada? Elas devem ser facilitadoras de espaços. De espaços limítrofes entre a ruptura e a continuidade, entre a utopia e o lugar. (Eggert, 2003, p. 177).*

Esse texto conta com o aporte dos materiais produzidos no Seminário de Curitiba. Tentei partir da base transcrita pelas pessoas responsáveis por fazerem o registro do encontro. À medida que lia o material, compreendi não ser possível simplesmente “ajeitar” as falas e remeter o texto aos organizadores. Assim, faço um texto num recorte do que foi tratado, mas busco ampliar um pouco os argumentos trazidos naquele momento. E, pensando um pouco sobre esse processo da escrita, desconfio que às vezes as heranças devam ser lembradas como desafio na busca da sua superação ou recriação.

### **As heranças na minha narrativa**

Em minha tese de doutorado em Teologia<sup>1</sup>, fui esculpindo um capítulo em que narrei minha trajetória no campo laico-eclesiástico luterano. Nesse exercício de escrever sobre mim, sempre fiz a pergunta: mas por quê? Afinal, como construímos nossos argumentos, nossas posturas frente à vida do jeito que construímos ou conse-

---

<sup>1</sup> Ver Edla EGGERT, Educação popular e teologia das margens, 2003.



guimos construir? Elaborei algumas marcas, cicatrizes que seguem presentes, mas reelaboradas a partir da escrita. Ana Maria Machado (2000) e Suely Rolnik (1993) estabelecem uma conexão entre a escrita e os olhares para a própria vida e suas escolhas como modo de tratamento de quem escreve para se curar. A experiência do espaço “igrejeiro” em minha vida foi fundante da prática pedagógica posterior. Tomo a significação da palavra “experiência” com base em Jorge Larrosa; segundo ele, “a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (LARROSA, 2002, p. 25). E, do mesmo modo, Cecília Collares, Maria Moyses e Jorge Geraldi (1999, p. 209) lembram que “a experiência é ruptura em potência. E se a vida flui no tempo é porque se constitui nas e das rupturas propiciadas pelos acontecimentos, pelas experiências.”

### As marcas de um conceito

Imbuída dessa configuração argumentativa, encorajo-me para seguir ampliando um pouco mais meu olhar sobre o tema “**Formação e Educação Cristã Contínua**”. Quando retornei de Curitiba, fiz um breve exercício sobre o que tem sido produzido em torno dessas palavras “formação contínua” ou “formação continuada” e “educação contínua” ou “continuada”. Algumas autoras e autores não se preocupam muito em fazer distinções. Há um livro produzido no ano de 2003, organizado por Naura Syria Carapeto Ferreira, *Formação continuada e gestão da educação*, que retrata bem o quadro atual do conceito. Os textos apresentam a complexidade do termo no meio acadêmico. Agueda B. Bittencourt (2003) indica que o conceito surgiu nos últimos 20 anos e questiona por que esse conceito foi direcionado para professoras do ensino fundamental e médio quando da implantação dos planos de carreira que estimularam a mudança de “níveis” de formação. O que fica como referência e contribuição ao nosso debate é que Educação ou Formação Continuada manifestam, no campo da Educação de modo geral e mais especificamente das professoras e professores, a realidade em todas as áreas do conhecimento. Se, porém, fizemos uma viagem rápida no *Google* (site de busca na internet), iremos nos espantar com a quantidade de cursos de formação continuada ou educação contínua no campo das empresas privadas e de conhecimento técnico. Essa outra realidade sugere o quanto esse conceito viajou entre outras áreas profissionais. Por esse motivo, provavelmente também na IECLB estamos debruçadas sobre o mesmo conceito, pois somos pessoas



inseridas na sociedade em que vivemos. O que ainda considero pertinente, nesse momento, é destacar que não é o preciosismo da opção pela palavra “educação” ou “formação” que vai nos garantir a condução e a solução da questão, e sim a busca e a criação de conhecimento que nos torne pessoas mais felizes. Esse é o argumento que me proponho fazer: uma processualidade nos modos de aprender nos campos da educação cristã.

### **A tradição e suas implicações em nossa história**

Naquele sábado, na parte da manhã, o pesquisador e pastor Pedro Kalmbach (2005) fez uma linha do tempo para visibilizar o processo histórico do batismo. Na parte da tarde, fiz (EGGERT, 2005) uma alusão a essa linha do tempo para relacioná-la com a História da Educação.

As tradições pedagógicas podem ser didaticamente divididas em dois conceitos marcantes, segundo Geraldi (2005): a tradição do mestre e do discípulo [e é no masculino mesmo, pois as meninas e as mulheres raramente foram conduzidas a mestres ou mestras desde a Antiguidade] e a tradição do professor e dos alunos [aqui já podemos incluir meninas a partir da Reforma, mas em número certamente menor]. Na primeira tradição, temos o mestre que vai indicando ao discípulo caminhos através do exemplo, da experimentação, da pergunta. A escola de sábios, segundo Geraldi (2005), vai sobreviver até mais ou menos o século XVII. É uma escola em que o mestre tem um domínio amplo do conhecimento. O mestre possibilita seguidores ou/ e discípulos. Na segunda tradição, há o evento da divisão social do trabalho sobre o conhecimento. Segundo Geraldi (2005), o professor vai reproduzir o saber produzido por outro. A pedagogia moderna estabelecida no século XVII é a referência dessa tradição. E um dos representantes máximos é Comenius [1592-1670]<sup>2</sup>, pois sua incessante preocupação de “ensinar tudo a todos” o levou a criar o livro didático, que auxiliou na sistematização de conhecimentos complexos para todas as pessoas. Ensinar a ler, por exemplo, através da associação de desenhos foi uma das preocupações de Comenius. Assim, com o conhecimento sistematizado e reunido em algum material, como o livro didático, o professor não precisa mais criar suas aulas e seus materiais; ele ou ela passa a [re]produzir o saber existente. Os livros são conhecimentos transmi-

---

<sup>2</sup> Discípulo de João Huss, sofreu os dramas da Guerra dos Trinta Anos, sonhou com uma sociedade internacional mais fraterna.



tidos através de uma seleção, ou seja, a história contada no livro passa a ser a história que existiu. O conteúdo foi transformado em ensino: “Tenho que dar conta da matéria”, diz quem está ensinando. A professora ou o professor foram transformados em capatazes! Seu trabalho consiste em entrar na sala de aula, lembrar qual a página do livro [didático...] a ser seguida e passar a controlar o tempo. Ou seja, ele ou ela é um gerente do tempo do aluno. Geraldi (2005) é um crítico tenaz da maquinaria do livro didático e eu concordo com sua argumentação, pois estamos cada vez mais distantes da possibilidade da criação e da descoberta. Seguimos roteiros. Engessamo-nos e não vamos mais ao livro denso, à literatura, ao texto bíblico. Vamos aos comentários sobre o texto.

A impressão que podemos ter com essa separação entre saber produzido e reproduzido é que há uma pitada de mediocridade na formação para a docência. A origem dessa tradição está posta até os nossos dias, quando podemos constatar que as professoras que estão fazendo o curso de licenciatura são chamadas de professoras de matemática, de filosofia, de química, e os bacharéis procuram se autonear filósofos, químicos, físicos etc., e não é por acaso que utilizo o feminino para as licenciaturas e o masculino para os bacharelados. A tradição moderna separa quem cria de quem “repassa”. [Muitas vezes ouvimos que nós professoras/es *passamos* conhecimento no quadro, como se fosse uma apresentação, por exemplo.]

Entendo que, no caso da Religião Cristã e, mais especificamente, no mundo luterano, essa construção parece acontecer de forma semelhante: quem estuda e pesquisa Teologia não necessariamente ensina junto à sua comunidade; por isso, talvez, o catecismo possui a função garantida até os nossos dias. A pergunta “o que significa isso?” não é recriada, mas sim **reproduzida** ainda hoje, século XXI. O direito de fazer perguntas fica reduzido ao caderno de exercícios com perguntas já formuladas, desenhos prontos a serem coloridos. Além dessa constatação, podemos fazer uma outra incursão a respeito do saber dogmático que as religiões pregam. Parece-me que a diferença entre o campo da pedagogia e o da teologia é que na pedagogia a história nos mostra um processo de desconstrução das verdades estabelecidas, e na teologia essa desconstrução causa rupturas, produzindo, muitas vezes, outras religiões que novamente estabelecem dogmas e dificilmente agregam a possibilidade do argumento criativo e dialógico, pois a fé, que é a certeza das coisas que não se vêem (Paul TILLICH, 1957) não é exatamente algo que possa ser contrariado, debatido, senão vivido e ex-



perimentado num campo bastante subjetivo. Desconstruir o dogmatismo nas religiões seria acabar com elas? Essa pergunta precisa ser feita e me vem com força pedindo passagem quando leio coisas no campo da Educação e as relaciono com a experiência luterana:

*Trata-se de substituir dogmatismo por flexibilidade, abandonar a segurança imobilizadora das certezas para descobrir e inventar modos de trabalhar com incertezas e acasos, para poder, enfim, influir na tecedura de novas possibilidades de futuros. Não basta mais à educação construir o caminho caminhando; é necessário aprender a andar por caminhos incertos. (Cecília COLLARES, Maria MOYSES e Jorge GERALDI, 1999, p. 217).*

A era das certezas parece ter dado seus últimos suspiros, porém é no campo da religião que vemos a maior resistência a caminhar por caminhos incertos, suportar as flexibilizações das certezas [certezas temporárias]. A Europa cristã estabeleceu a verdade a partir do seu umbigo e definiu como **menos** aquele [especialmente aquela] que fosse diferente. Começamos, durante todo o século XX, por dismantelar as rígidas concepções tanto de verdades liberais quanto marxistas e idealistas. Quais são os dogmas no campo da educação cristã? Como educamos para a submissão, por exemplo? Para a compartimentalização das coisas? Por que não conseguimos romper com tudo isso?

A educação continuada é um empréstimo para o campo religioso e quem é responsável pelos ensinamentos cristãos luteranos faz uma releitura dessa experiência educacional. Quem é responsável nem sempre é quem teve a formação. Por esse motivo, os cursos, os encontros, os estudos bíblicos, as reuniões de estudo. O dilema está em **como** estabelecer um parâmetro condizente com a realidade em que vivemos, pois quem assume tarefas de ensinar sobre a teologia luterana é quem menos formação possui. E nesse momento a cartilha, o livro didático são tábuas de salvação. Além disso, a educação que possuímos através da experiência “lida com uma concepção de espaço e de liberdade”, segundo Madalena Freire (1997, p. 74). Se nossa concepção de liberdade é autoritária [como muitas vezes é realmente], a noção de espaço é restrita e aprende-se de *um* jeito; se a concepção de liberdade é espontaneísta, o espaço é frouxo e aprende-se de forma ambígua; e, se a concepção de liberdade for democrá-



tica, a noção de espaço com liberdade social é construída com o Outro como alguém digno (cf. FREIRE, 1997, p. 74). O espaço, na concepção de liberdade autoritária, concentra-se na figura do/a professor/a [leia-se pastor/a, catequista, diácona/a, lideranças de JE e OASE], enquanto que o espaço, na concepção de liberdade espontânea, concentra-se no grupo, e o espaço, na concepção de liberdade democrática, necessita do/a professor/a com a sua concepção de ensino, do/a educando/a e do grupo. Somente assim é possível construir o espaço democrático.

Para Madalena Freire (1997), o ser humano é criador, somos seres criadores. Nosso corpo expressa uma totalidade de ser sujeito. Expressamos nossa inteligência, nosso afeto, nossa criação e interação com o nosso corpo. A forma como, nesse encontro em Curitiba (2005), estamos ousando pensar um caminhar mais impreciso, desconstruindo inclusive as margens fixas entre Culto Infantil, Juventude e OASE, possibilitando o “borramento” dessas experiências educativas no campo religioso seria e é um desafio.

As heranças que cada pessoa presente nesse encontro em Curitiba possui poderão fazer a diferença nessa conversa sobre o que estamos pensando como um *processo de educação* no campo religioso confessional. E é sobre isso que gostaria que as pessoas se dispusessem a pensar mais. O que de fato estamos levando em consideração na integração entre áreas que a Igreja [e a Igreja somos nós!] insiste em manter separada. Quais as experiências que têm dado bons resultados? Estamos nos dispondo a viver espaços mais integrados entre temáticas que possam unir muito mais do que separar? Ou seja, se nos permitirmos fazer outras perguntas que possam nos desinstalar e tivermos a capacidade do convívio com essa inquietação, talvez possamos construir outros espaços de aprendizagem onde a fé nos motive ao inusitado, a uma Igreja de passagem, um rancho a caminho da roça, como gostei de escrever na minha tese, a uma teologia das margens que possibilite enxergar o que muitas outras pessoas fazem na Igreja e não somente quem é autorizado ou autorizada academicamente. Reconstruiríamos, talvez, o que foi dito há muito tempo, mas que, suspeito, ainda não foi posto em fatos na maior parte do nosso tempo de história: o sacerdócio de todas as pessoas.



## Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Agueda B. Sobre o que se falam as coisas lá fora: formação continuada dos profissionais em educação. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). *Formação continuada e gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 65-94.
- COLLARES, Cecília; MOYSES, Maria; GERALDI, Jorge. Educação continuada: a política da descontinuidade. *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo: Cortez, ano XX, n. 68, especial, p. 601-610, 1999.
- EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Palestra proferida no I Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua*. Curitiba, outubro, 2005.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). *Formação continuada e gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE Madalena. Educando a agressividade. *Revista do GEEMPA*, Porto Alegre, n. 5, p.73-82, 1997.
- GERALDI, Jorge. Anotações sobre a aula inaugural do Curso de Pedagogia na UNISINOS, agosto de 2005.
- KALMBACH, Pedro. *Palestra proferida I Seminário Nacional de Educação Cristã Contínua*. Curitiba, outubro, 2005.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- MACHADO, Ana Maria Netto. *O sexo das letras*. Porto Alegre: Laboratório de Escrita, 2000.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo: PUC, v. 2, n. 1, p.241-251, 1993.
- TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. (1957). São Leopoldo: Sinodal, s/d.



Impresso na Gráfica Pallotti (Santa Maria/RS)  
Texto: Times New Roman 11  
Títulos: Times New Roman 14  
Proibida a reprodução total ou parcial sem permissão prévia.